

UM REFLEXO SOBRE UM TEXTO DE GEBAUER E WULF QUANDO OS DEVOREI DIANTE DE UMA PISCINA CHEIA D'ÁGUA PARADA, EM IBIRÁ, DURANTE A PÁSCOA DE 2010.

Raphael Dall'Anese Durante

Para abrir os acessos ao livro que li, proponho uma frase freqüentemente enunciada por um comunicador e comunicólogo pernambucano, na qual ele diz: “Eu não vim para explicar. Eu vim para confundir”.

De início, eu escolho uma explicação metodologicamente mágica por opção mesmo. Por entender que nesse caso específico é melhor. Já que pretendo sair daqui com todas as minhas partes, hoje não vou projetar imagens em alta definição; na tentativa de me proteger contra o ataque dos vossos dentes afiados, vou projetar outras imagens. Outras imagens que me protegerão da devoração, pois não desejo adquirir alguma crise de identidade, crise por falta de reconhecimento.

Para reduzir ainda mais a definição dos argumentos que sustentam a tese que li, irei criticá-las, lançando-me ao incerto e à superfície iluminada cegante. Para tanto, me joguei em região desconfortável: a região da escolha. Escolhi não me limitar na dissertação oral sobre a tese estudada. Me inclinei sobre a opção altamente arriscada de criticá-la e complementá-la. Assim como a dupla, realizarei esta tarefa em três partes: combate; sentimento; reflexão. Estando consciente dos riscos que envolvem o jogo, vamos lá:

PARTE 1

o livro *versus* o chocolate

A alta definição do chocolate provocou a gula do livro.

[Contar a história do livro]

É um livro para ser lido em um dia. Ao contrário dos outros apresentados, está nas estantes e prateleiras para ser devorado. Deve ser devorado várias e várias vezes, em curtos espaços de tempo; o tempo de leitura não deve ultrapassar o de um dia; assim como fazemos com os chocolates. O método deve ser o mesmo e o livro é testemunho disso.

O meu exemplar é prova viva da devoração do outro na busca pelo reconhecimento e identidade. Não só pelo fenômeno descrito, mas também por um outro constatado: a ficha catalográfica incorreta. A ficha traz o nome de um outro livro, o livro “IV Centenário da Cidade de São Paulo: uma cidade entre o passado e o futuro” de Silvio Luiz Lofego, também editado pela Annablume. Neste caso constatado, talvez tenha sido a tentativa de Gebauer e Wulf de entender os problemas propostos por Lofego, relativos à nossa metrópole, que segundo ele é uma cidade situada entre o passado e o futuro, isto é: uma cidade espaço-temporalmente mágica. Certamente um tema interessantíssimo para a dupla examinar; e não vejo outra explicação para este outro exemplo de total devoração. É neste clima de confusão, absurdo e baixa definição que pretendo comunicar minhas percepções, sentimentos e críticas sobre “Mimese na cultura” de Günter Gebauer e Christoph Wulf.

PARTE 2

observando bem de dentro: cheirando, lambendo, sentindo com as mãos

Pronto! Comi o livro todo. Essa foi a primeira coisa que disse logo após limpar página por página do livro tomado por chocolate ao leite derretido. Antes de ser lido, o livro apresentava-se tão duro, difícil e tão amargo que sentiu a necessidade

de derreter uma barra de chocolate e devorá-la inteira, em pouco menos de 5 horas, para que pudesse ser notado por mim. Não era qualquer chocolate; era chocolate suíço; chocolate produzido cuidadosamente do outro lado da fronteira que estabelece limites políticos aos da dupla. Políticos somente; pois como tentaremos observar, fronteiras estéticas e culturais são dificilmente configuradas.

Já em meu primeiro contato com o livro, tive essa magnífica experiência: o livro comendo chocolate na tentativa de adoçar-se; ou o chocolate procurando ler o livro para amargar-se e tornar-se um pouco mais sofisticado. Ainda: o livro à procura de doçura ou o chocolate tentando ser mais amargo?

Um tentando devorar e alimentar-se do outro. Este fenômeno pode ser compreendido como uma espécie de mecanismo sociabilizador. No sentido de um incorporar a imagem do outro no empenho de identificar-se. Pode ser entendido a partir da idéia das possibilidades do processo identificador: o processo de comunicação que objetiva a identidade pode revelar-se ambivalente: dialógico ou discursivo; responsável ou irresponsável; complementa ou aniquila; integra ou devora. Esse fenômeno pode determinar o sentimento de pertencência.

Ali, era o livro querendo identificar-se com o chocolate; ou com as qualidades aparentes do chocolate. E para identificar-se com o chocolate, precisou eliminá-lo sistematicamente. Eliminá-lo devorando-o. Deformando-o para informá-lo dentro de si próprio. Para incorporar chocolate é preciso deformá-lo.

No capítulo de apresentação a Professora Malena (se vocês me permitem chamá-la desta maneira) diz que o jogo mimético é uma habilidade do homem. Aqui o termo habilidade é utilizado com muita pertinência, já que remete à astúcia, esperteza, sagacidade e competência. Competência representada pelo livro ao competir e jogar com o chocolate ao ponto de manifestar publicamente a autoridade sobre o ato de devorá-lo deliberadamente. Nesta competição, o livro foi competente na tentativa de equilibrar e justificar proporcionalmente as qualidades estéticas do chocolate que o interessavam. As possibilidades foram jogadas e o livro venceu, já que saiu da batalha adicionado de superfície típica de chocolate ao leite: cor, cheiro e gosto. Ao passo que, o que sobrou do chocolate

ao leite, não se tornou mais amargo, nem tampouco obteve forma, cor, gosto ou cheiro de livro. Neste jogo, o livro transfigurou-se em chocolate ao leite e então, finalmente, pude devorá-lo como tal.

Senti como se o livro e o chocolate tivessem produzido um fenômeno simbólico que pudesse representar o propósito último de suas próprias existências. Habilmente produziram um evento e evocaram significados que possibilitaram uma compreensão, mesmo que precária, de seus objetivos existenciais: a devoração. Ele, o livro, ardilosamente produziu o fenômeno para que pudesse haver ali alguma identidade entre ele próprio e eu. Foi artimanha habilidosa. Certamente foi uma comunhão de espelhamento. Voltaremos neste ponto mais adiante.

Por detrás de todo gesto mimético está a codificação simbólica. Está a articulação de símbolos carregados de história. A mimese é fundamentada simbolicamente. O símbolo como matéria-prima para a criação de códigos miméticos.

Ainda, a Professora Malena diz que não se trata apenas de uma repetição maquínica de gestos. Talvez Flusser nos diga que sim. É a partir da mimese que o homem atualiza o símbolo jogado. É uma re-atualização simbólica gestual. Talvez a pós-vida de uma imagem se dê a partir deste fenômeno. Re-atualização dos códigos.

Gebauer e Wulf evidenciam a importância e a relevância do corpo como mídia para a criação, formação, propagação e proteção da teia lingüística que configura a codificação simbólica que, por sua vez, como já sugerimos, fundamenta o gesto mimético. Então por detrás ou talvez **entre** tudo isso esteja o corpo. O corpo e o gesto corporal como meio: como mídia fundante do jogo. Para mim, este é o grande ponto! A materialidade corpórea da codificação simbólica e da estrutura lingüística que a constitui. A importância da nossa faculdade estética e mecânica/motora para a configuração simbólica da língua e, portanto, da realidade. Para a articulação de símbolos a partir da reflexão: do espelhamento. Retornamos ao ponto do espelhamento e daqui partiremos para o reflexo.

O espelhamento como princípio do conhecimento puro e do reconhecimento prático. O espelhamento como princípio do processo de sociabilização e de comunhão cultural. Como princípio dos sistemas ou ambientes de re-atualização simbólica. Como gênese de todo movimento e processo comunicativo.

Propomos mimese como comunicação; e comunicação como reflexo. Como projeto. Como o projetar-se no outro e como ser, ao mesmo tempo, espelho para o outro.

Como já observamos rapidissimamente o princípio de identidade pode apresentar-se ambivalente. Pode aparentar adição ou subtração. Pode incorporar ou aniquilar, como o Professor Norval nos diz. Mas até o processo de incorporação pode representar aniquilação do outro. Mas a incorporação pode ser dialógica; no sentido de incorporar partes do outro e deixar que o outro incorpore suas partes.

A matéria, o sensível, é diabólico, justamente por ter sua identidade e seu reconhecimento estabelecidos somente a partir do seu oposto. Feio – belo; duro – mole; equilíbrio – desequilíbrio; vida – morte.

Para nós o reconhecimento prático e sensível é diabólico. O princípio lógico de identidade que formulamos automática e diariamente só é possível a partir de dois elementos. Vejamos: A não pode ser identificado em si mesmo, mas somente diante de outro > $A' = A''$; ou $A = B$ se assim quisermos.

Mágico! Identidade é forma de pensamento mágico. Assim como o pensamento matemático, o estético cria mundos possíveis, mundos reconhecíveis. O nosso jogo é gesto mágico. É existência reflexiva no espaço-tempo do eterno retorno. A' só pode identificar-se e reconhecer-se a partir da existência de A''. A' espelha-se em A'' para reconhecer-se. Há reconhecimento a partir de seu reflexo no outro.

O princípio de identidade me parece mágico e não lógico. Temos o exemplo da medicina medieval, baseada neste princípio como fundamento para todo e qualquer tratamento corporal e até mental. Para eles, causa e efeito não era lógica, mas mágica. O pensamento era mágico e, por isso, criava realidade. Nos

últimos anos, a minha proximidade com estudos sobre a Europa Medieval me conduzem, como em uma espécie de espiral do tempo, para um tipo de pensamento precário que, sem qualquer motivo lógico aceita certos tipos de explicação duvidosos para problemas aparentemente solucionáveis por meio da definida e iluminada ciência moderna. Este tipo de pensamento, baseado na verdade espiritual como imagem e como reflexo, me conduz à questões do tipo: pra quê ir às profundezas do homem e do mundo se as possibilidades de resposta estão na superfície? Jakob Böhme, para citar um exemplo temporal, tomou consciência de sua primeira revelação ao observar atentamente a superfície reflexiva em um jarro de cobre bem polido.

Mas lógica e mágica podem revelar-se a mesma coisa, já que o termo lógica tem sua origem no grego *logike* ou *tekhne*, que, trazidos para o português como logos, significa razão, faculdade intelectual do homem ou fala e linguagem. De fato a palavra logos tem um sentido muito matizado, que pode ser dividido em três: 1- faculdade mental superior, sinônimo de inteligência conceitual e raciocinante; 2- raciocínio; 3- conceito. Para nós, fica claro que, como termo que representa o lado exterior do pensamento humano, isto é: o reflexo, trata-se de espelho; de imagem. Assim como a mágica, talvez a lógica também trate de superfície. Talvez a primeira como produtora de imagem exógena e a segunda, endógena.

Deste modo, considerando estas especulações, a relação entre causalidade e efeito não pode ser compreendida lógica, mas magicamente. A não ser que queiramos irônica e artimanhosamente essa causa incompreensível, de acaso.

O cultivo de costumes só é possível por nosso senso de identidade. costume = costume. Então, podemos reconhecê-lo, identificá-lo e só após este movimento, cultivá-lo. Nesse sentido cultivamos espelho, reflexo, identidade, imagem, superfície. É possível dizer que o que há é uma cultura da superficialidade. Cultura estética. O que há é uma devoração de superfície. Cultura é jogo; é o jogar-se na direção do outro.

PARTE 3

agora: examinando de fora, de longe e do alto

O ser do homem está sempre no mundo. Sempre em contraposição aos outros; não basta aos homens simplesmente estar no mundo. Eles buscam identidade. Existe a crise: é problema de identidade(!). eles não podem existir sem o reconhecimento. Eles precisam tornar-se parte dele – do mundo – e tomar parte dele. A realização desta tarefa está pré-inscrita no programa. A realização desta tarefa é gesto automático. É gesto mecanicamente estruturado. É assim para tentar imitar a aparência exatamente bela, perfeita, ordenada e ao mesmo tempo caótica da natureza: do natural.

É evidente que o programa natural articula potencialidades mais rápida e discretamente que o programa imitado precariamente pelo homem. Já que até mesmo a noção de programa tentamos imitar exaustivamente. Programa humano não é passivo. Ele projeta construção, alteração, hominização e aniquilação sobre o programa natural. É projeto que se lança na direção de reconhecimento: identidade.

Talvez o grande problema humano seja a diferença em relação a tudo que não é ele próprio. A tudo que não é espelho. A diferença em relação a toda estrutura naturalmente existente. Nesse sentido, na tentativa de adaptar-se e reconhecer-se, ele se lança contra tudo afim de alterar as estruturas. Lança-se como alteridade.

Com sua grande e variada caixa de ferramentas, ele altera, constrói, destrói, artificializa e significa tudo afim do reconhecimento e identidade. Joga divertidamente. Gasta energia no empenho pelo reconhecimento.

E nesta grande campanha, o corpo é a mídia. Somente por meio de seus gestos e ações ele vai dar ao mundo uma forma muito bem definitiva. O corpo aqui, torna-se mídia informadora. O corpo é mídia para gestos automáticos que buscam informar ao mundo imagens de alta definição. Imagens impossibilitadoras de crise existencial.

A partir de gestos, os homens injetam forma ao mundo. Injetam homem à estrutura natural pré-existente, independente e já dada. Nos atos de espelhamento, assim como os deuses, homens recriam o mundo por meio de suas próprias configurações programáticas. O mundo recebe uma injeção de programa humano. Injeção codificadora. E, então, magicamente o mundo se torna imagem dele mesmo. Se torna espelho mágico. Espelho aberto à coletividade. Aberto à comunhão. É “o mundo mais uma vez” aberto à comunhão. O espelho mesmo. Reflexo! Superfície articulado esteticamente.

Tanto maior e mais estendido o nosso corpo, maior o nosso mal estar no mundo. Tanto maior a nossa injeção no mundo, maior a nossa doença dentro dele. Tanto maior a mídia que construímos para vivermos melhor, maior a nossa distancia do mundo. Tanto maior a mídia, maior o intervalo entre nós e o mundo.

Machadinho, cabana, fogueira, parede, telhado, roupas, sapatos, energia elétrica, máquinas, veículos de transporte: mídia. Intervalos entre nós e estrutura natural. Tamanho é o nosso empenho em encontrar soluções que nos façam felizes. Soluções mágicas de alta definição que facilitem a nossa situação e nos confortem diante do mundo tão estranho e irreconhecível.

A nossa vida é injeção automática, segundo após segundo, de programa humano no programa natural já dado, com o objetivo muito específico de nos sentirmos confortáveis, reconhecidos e identificados. É a injeção do eu e da coletividade confortável no mundo. É a projeção corporal e simbólica no mundo.

Ao mesmo tempo que os homens se distanciam materialmente da natureza, eles se aproximam simbolicamente; entre eles mesmos e entre eles e o mundo. Nesse mesmo passo, talvez seja possível sugerir que os homens se aproximam corporicamente entre si. No nível simbólico, estão ligados magicamente, a partir desse espelho onde todos se reconhecem e identificam-se. É um espelho mágico da identidade.

Mesmo de fora, de longe e do alto, é possível dizer que o que há é um cultivo de superfícies. Cultura estética. O que há, a exemplo do livro e do chocolate, é uma

devoração superficial. É o cultivo do jogar-se na direção do outro no empenho absurdamente automático pela busca de identidade e reconhecimento.

GEBAUER, Günter; WULF, Christoph. *Mimese na cultura: agir social, rituais e jogos, produções estéticas*. São Paulo: Annablume, 2004.